

# ENTRAMOS NESTA CASA COM A BANDEIRA NA FRENTE

Bárbara Pereira Mançanares

Curadoria: Mário Cléber Martins Lanna Júnior

15 de setembro a 1º de novembro de 2020

MEMORIAL  
MINAS GERAIS  
VALE

Exposição Projeto Novos Pesquisadores  
(Memorial Minas Gerais Vale)

Mário Cléber Martins Lanna Júnior  
(Professor do curso de História da PUC Minas)

A Bandeira do Divino Espírito Santo é levada com fé e festejo em São Bartolomeu, Ouro Preto, Minas Gerais. Em memória ao santo padroeiro do distrito e ao dia de Pentecostes, ela concretiza registros e vivências, testemunha experiências sociais e históricas vinculantes de sentimentos organizadores da vida. Tocada por essa Bandeira, Bárbara Pereira Mançanares entrou na casa dos moradores da região para realizar a pesquisa *As Faces e as Festas: Patrimônio Cultural e a Festa do Divino de São Bartolomeu*. Com interesse, respeito e rigor, pesquisou o olhar e o fazer local da festa, sem esquecer os aspectos universais, relativos às identidades religiosas, sociais e políticas reafirmadas pelo evento. Entrar com a Bandeira na mão exigiu cuidados: foi preciso conquistar a confiança e o reconhecimento dos foliões. Com o mesmo respeito, convidamos o olhar atento e cauteloso para esta exposição. Ela expressa os aspectos específicos e marcantes da Festa do Divino de São Bartolomeu, através dos detalhes, mostra a singela repetição das cores, sons, expressões e atitudes que movimentam os ritos simples e aquietados, transformados em festa com comidas e músicas. São ritos sinceros e repletos de significados.

Festas religiosas e identidades políticas andam juntas desde o Brasil Colonial e Imperial, nasceram no *universo barroquista*, entendido como *ideologia religiosa e de vida e comportamento social contextual, da poesia, da prosa, do sermão, do teatro, da festa... da escultura, da talha, da pintura ... da música e das danças*.<sup>1</sup> Essas festas são indícios da cultura religiosa popular que, desde tempos remotos, agrega valores para lugares, épocas e protagonistas.

São conhecidas as festas barrocas do Triunfo Eucarístico e do Áureo Trono Episcopal, na Minas Colonial, no século XVIII. Eram momentos de forte apelo religioso e cívico, que permeava complexos processos de relações econômica, social e cultural. No Brasil Imperial, no século XIX, as Festas do Divino Espírito Santo movimentavam o Campo de Santana, no Rio de Janeiro, com populares que *encontravam algum sentido para a vida naqueles velhos símbolos cristãos, e sem abandonarem suas perspectivas de vida, jamais deixaram de imprimir os seus próprios desejos e paixões criando e recriando novos sentidos para aquelas manifestações*. Junto à estrutura de poder e suas formas imateriais de controle e dominação pulsaram *práticas e formas pouco ortodoxas, em que a magia se misturava ao catolicismo, as tradições africanas se mesclando às portuguesas e, muitas vezes, originando sínteses novas*,<sup>2</sup> em rituais de fé, humanidade e civismo.

Os sentidos, paixões e desejos das Festas do Divino Espírito Santo ainda alimentam os brasileiros e seus espíritos, matam a fome do religioso e do profano em lugares distantes, de norte a sul do país. A mais famosa ocorre em Pirenópolis, registrada como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Existem fé e folia para o Divino Espírito Santo em Alcântara no Maranhão, Matosinho (São João del-Rei) em Minas Gerais, Mogi das Cruzes em São Paulo, Santo Amaro da Imperatriz em Santa Catarina, Salvador na Bahia e em outras localidades do território nacional. Resguardadas suas especificidades, todas as Festas do Divino confrontam o passado e o presente, o religioso e o profano, o poder e suas fendas.

<sup>1</sup> Minas Gerais Monumentos Históricos e Artísticos: Circuito do Diamante. *BARROCO*. Número 16, ano 1994, Belo Horizonte. P. 25.

<sup>2</sup> ABREU, Martha. "Nos requebros do Divino": lundus e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras festas*. Campinas: Editora Unicamp. 2002. P. 252.

Essas festas seguem dinâmicas recriadas pela sociedade, em São Bartolomeu, guardam religiosidades e saberes para realizar o sagrado e o profano. Tudo começa em junho, quando é levantada e abençoada a Bandeira do Divino Espírito Santo e iniciada a peregrinação por doações, para terminar em agosto, com o Cortejo do Imperador. Repleta de simbolismos do catolicismo popular brasileiro, a devoção dos moradores de São Bartolomeu abre frestas para a música e a folia, confirma os laços de sociabilidade, de modo particular, com ritmos de corda e percussão, coloridos com fitas de cetim e bandeirinhas. Tudo abastecido com alimentos da terra e animado por pessoas de esperança no Divino Espírito Santo e São Bartolomeu, padroeiro do distrito.

O passo para seguir essa Bandeira veio do Brasil Colonial, *Festa e Devoção* trazidas da Europa pelos portugueses, através do Oceano Atlântico e entre montanhas. Chegou até hoje, no *Tempo do Divino*, que conta sobre a Bandeira do Divino Espírito Santo em São Bartolomeu, mostra como a religiosidade é levada pelos trajetos do presente, abre caminhos e porteiros, para chegar de boa-fé às casas e abençoar seus habitantes. A recompensa vem em forma de folia. Com a mesa posta em frente à *casa de festa*, os foliões e festeiros comem e bebem, tocam e cantam, completam a comunhão com o Divino e a carne. A Festa de São Bartolomeu une o espírito e a matéria na cultura e na identidade de seu povo, exposta a céu aberto, por isso, patrimônio na forma de *Museu Imaginado*.

Para melhor conhecê-la, siga estas três pegadas: *Festa e Devoção*; *Tempo do Divino*; e *Museu Imaginado*. Por esse caminho, acompanhe os passos da pesquisa etnográfica de investigação participativa, torne-se, junto à pesquisadora, observador e objeto observado. Viva a experiência de entrar em São Bartolomeu com a Bandeira do Divino, na frente.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. "Nos requebros do Divino": lundus e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras fl(r)estas*. Campinas: Editora Unicamp. 2002.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e a política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986.

Minas Gerais Monumentos Históricos e Artísticos: Circuito do Diamante. BARROCO. Número 16, ano 1994, Belo Horizonte.

SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do Ouro. A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.



Iniciativa:



Patrocínio:



Apoio:



Realização:

